

Exame Final Nacional de Filosofia

Prova 714 | Época Especial | Ensino Secundário | 2025

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 62/2023, de 25 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

A prova inclui 12 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 6 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 4 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Para cada resposta, identifique o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

1. Considere o texto seguinte.

A discordância [...] dá a cada participante de um debate filosófico um incentivo para alargar e aprofundar o conhecimento ao procurar razões convincentes. Lidar com a discordância com base em razões é claramente um estímulo à investigação e evita que nos rendamos demasiado facilmente à nossa inclinação inicial para identificar as nossas opções com a verdade incontestável das coisas.

N. Rescher, *Uma Viagem pela Filosofia em 101 Episódios*, Lisboa, Gradiva, 2018, pp. 21-22. (Texto adaptado)

O que o autor afirma no texto permite caracterizar a filosofia como uma atividade

- (A) crítica.
- (B) empírica.
- (C) *a priori*.
- (D) dogmática.

2. Considere a condicional seguinte.

Se Popper analisou ideias contrárias às sociedades abertas, então quis defender as democracias de ideias perigosas.

Selecione a proposição que se segue desta condicional por **contraposição**.

- (A) Popper quis defender as democracias de ideias perigosas, mas não analisou ideias contrárias às sociedades abertas.
- (B) Se Popper não analisou ideias contrárias às sociedades abertas, então não quis defender as democracias de ideias perigosas.
- (C) Se Popper não quis defender as democracias de ideias perigosas, então não analisou ideias contrárias às sociedades abertas.
- (D) Popper analisou ideias contrárias às sociedades abertas, mas não quis defender as democracias de ideias perigosas.

3. Quem afirma que a disjunção inclusiva «a Clara é agricultora ou cientista» é falsa considera que

- (A) a Clara é agricultora, mas não é cientista.
- (B) a Clara não é agricultora nem é cientista.
- (C) a Clara não é agricultora, mas é cientista.
- (D) a Clara é agricultora e também é cientista.

4. Considere o texto seguinte.

O livre-arbítrio é real, mas não é um aspeto preexistente à nossa existência, como a lei da gravidade. E também não é o que [uma certa] tradição declara que é: um poder [...] que dispensa a pessoa do tecido causal do mundo físico. Trata-se de uma criação da atividade e das crenças humanas, que evoluiu e é tão real quanto outras criações humanas, como a música ou o dinheiro.

D. Dennett, *A Liberdade Evolui*, Lisboa, Temas e Debates, 2005, p. 28. (Texto adaptado)

No texto, defende-se que há livre-arbítrio e que este

- (A) é compatível com o determinismo, pois não «dispensa a pessoa do tecido causal do mundo físico».
- (B) não é compatível com o determinismo, pois «dispensa a pessoa do tecido causal do mundo físico».
- (C) é compatível com o determinismo, pois não é «uma criação da atividade e das crenças humanas».
- (D) não é compatível com o determinismo, pois é «uma criação da atividade e das crenças humanas».

5. De acordo com o determinismo radical,

- (A) as nossas escolhas raramente são livres, mas temos o sentimento de fazermos escolhas livres.
- (B) as nossas escolhas nunca são livres, e temos o sentimento de nunca fazermos escolhas livres.
- (C) as nossas escolhas raramente são livres, embora muitas vezes sintamos que fazemos escolhas livres.
- (D) as nossas escolhas nunca são livres, embora sintamos que, por vezes, fazemos escolhas livres.

* 6. Os juízos de facto caracterizam-se por

- (A) serem afirmações totalmente normativas.
- (B) serem expressões de preferências pessoais.
- (C) visarem indicar como as coisas devem ser.
- (D) visarem descrever aspetos da realidade.

* 7. De acordo com Kant, a instrumentalização das outras pessoas é moralmente errada, porque

- (A) cada pessoa é também um fim em si mesma.
- (B) não promove a felicidade.
- (C) não tem motivos altruístas.
- (D) cada pessoa tem as suas próprias inclinações.

8. Considere o texto seguinte.

O Princípio da Maior Felicidade [ou da utilidade] será um simples conjunto de palavras sem significado racional caso a felicidade de uma pessoa, sendo igual à de qualquer outra [...], não conte exatamente o mesmo que a desta. Reunidas estas condições, a expressão de Bentham «que todos contem como um e ninguém [conte] como mais do que um» pode ser apresentada como um comentário explicativo do princípio da utilidade.

J. S. Mill, *Utilitarismo*, Porto, Porto Editora, 2005, pp. 102-103. (Texto adaptado)

O texto explicita uma exigência contida no Princípio da Maior Felicidade. Trata-se da exigência de

- (A) humanidade.
- (B) imparcialidade.
- (C) solidariedade.
- (D) inviolabilidade.

* 9. Segundo Rawls, a regra *maximin*

- (A) permite que cada um aumente a probabilidade de ficar numa situação mais vantajosa do que os outros.
- (B) é um princípio utilitarista incompatível com os princípios da justiça escolhidos sob o véu de ignorância.
- (C) estabelece apenas as liberdades básicas de que todos os cidadãos devem usufruir.
- (D) é uma estratégia de decisão que é racional aplicar em situações de incerteza.

* 10. Suponha que, numa determinada região, muitas pessoas não têm os recursos necessários para se alimentarem adequadamente, enquanto uma outra pessoa tem recursos suficientes para viver luxuosamente.

Nozick consideraria esta desigualdade injusta

- (A) caso tivesse resultado da lotaria natural e social, e não do mérito das pessoas.
- (B) por impedir uma vivência solidária e a partilha de valores na comunidade em causa.
- (C) caso os recursos da pessoa mais abastada resultassem de uma apropriação ilegítima.
- (D) por não proporcionar os maiores benefícios possíveis aos menos favorecidos.

* 11. Formalize a proposição expressa pela frase seguinte, apresentando o respetivo dicionário.

Se a teoria de Kant for verdadeira, então os deveres não admitem exceções e mentir é sempre errado.

- * 12. Em certos países, devido aos tiroteios em escolas e em outros lugares, há quem queira mais restrições à posse e ao uso privado de armas de fogo; contudo, outras pessoas opõem-se a tais restrições.

O argumento seguinte contém uma analogia e tem sido usado por pessoas que se opõem às restrições à posse e ao uso privado de armas de fogo.

Quando um condutor alcoolizado atropela mortalmente uma criança, culpamos o condutor, mas não o veículo. Do mesmo modo, quando uma pessoa mata uma criança com uma arma de fogo, culpamos aquele que mata, mas não a arma. Faria algum sentido preocuparmo-nos com a arma que foi usada, e não com a pessoa que deliberadamente a usou?

Caso considerasse que este argumento por analogia é fraco, que crítica lhe faria?

- * 13. Alguns críticos da definição institucional de arte afirmam que esta definição é circular.

Apresente essa crítica.

- * 14. Considere o texto seguinte.

A teoria estética é uma tentativa [...] vã de definir o que não pode ser definido, de indicar as propriedades necessárias e suficientes daquilo que não tem propriedades necessárias e suficientes, de supor que o conceito de arte é fechado, quando o seu uso real revela e exige a sua abertura.

M. Weitz, «O papel da teoria na Estética», in C. d'Orey (Org.), *O Que é a Arte? – A perspectiva analítica*, Lisboa, Dinalivro, 2007, p. 67.

Concorda com a tese, defendida no texto, de que não é possível definir arte?

Na sua resposta, deve:

- clarificar o problema proposto;
- apresentar inequivocamente a sua posição;
- argumentar a favor da sua posição.

- * 15. No texto seguinte, é criticado um dos argumentos a favor da existência de Deus.

Desde o tempo de Darwin que entendemos muito melhor por que é que os seres vivos estão adaptados ao seu ambiente. Não se trata de o ambiente ter sido feito para se ajustar aos seres vivos, mas de estes evoluírem para se ajustarem ao seu ambiente, e esta é a base da adaptação.

B. Russell, *Porque não Sou Cristão*, Lisboa, Edições 70, 2020, p. 26.

Explique a crítica presente no texto.

Na sua resposta, comece por identificar o argumento a favor da existência de Deus que é vulnerável a esta crítica.

- * 16. Descartes e outros filósofos procuraram responder ao desafio cético.

O que é o desafio cético?

- * 17. Considere o texto seguinte.

Quando analisamos os nossos pensamentos ou ideias, por mais complexos ou sublimes que sejam, sempre constatamos que eles se decompõem em ideias simples copiadas de alguma sensação ou sentimento precedente. [...] A ideia de Deus, no sentido de um Ser infinitamente inteligente, sábio e bondoso, deriva da reflexão sobre as operações da nossa própria mente e da ampliação sem limites daquelas qualidades de bondade e sabedoria.

D. Hume, *Investigação Sobre o Entendimento Humano*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002, p. 35.

Concorda com a explicação de Hume para a origem da ideia de Deus?

Na sua resposta, deve:

- apresentar a explicação de Hume;
- apresentar inequivocamente a sua posição;
- argumentar a favor da sua posição.

*** 18.** Considere o texto seguinte.

Estamos profundamente habituados a encarar a ciência como a única atividade que se aproxima constantemente de uma meta antecipadamente estabelecida na natureza.

Mas será que tal meta tem de existir? Não poderemos explicar [...] o sucesso da ciência em termos de evolução a partir do estado de conhecimento da comunidade [científica] num dado momento? Haverá alguma vantagem em imaginar que existe uma explicação completa, objetiva e verdadeira da natureza e que a medida adequada do sucesso científico é o grau em que nos aproxima dessa meta final?

T. Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, Lisboa, Guerra e Paz, 2009, pp. 230-231. (Texto adaptado)

Kuhn sugere que deveríamos abandonar o modo de entender o progresso da ciência a que «estamos profundamente habituados».

Concorda com a sugestão de Kuhn?

Na sua resposta, deve:

- clarificar o problema apresentado no texto;
- apresentar inequivocamente a sua posição;
- argumentar a favor da sua posição.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 12 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	6.	7.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.	17.	18.	Subtotal
Cotação (em pontos)	11	11	11	11	14	14	14	14	14	14	14	14	156
Destes 6 itens, contribuem para a classificação final da prova os 4 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	1.	2.	3.	4.	5.	8.	Subtotal						
Cotação (em pontos)	4 × 11 pontos												44
TOTAL													200